

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 595	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	5800	16900	5950	5120	5 DE JULHO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5000	25500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente já não ha festas. Bazares, procissões, arraiaes, cortejos, illuminações, marchas, fogos de vista, congressos, missas, espectaculos publicos, tudc passou á historia. O primeiro volume deverá chamar-se *Sensaboria* e terá como capitulo principal a discripção do celebre cortejo dos gatos-pingados pela Avenida; o outro, não menos importante, deverá intitular-se *Brutalidade* e contará como um prestito religioso, serio, o que em todas as festas antoninas houve de mais logico e digno de respeito, foi estupidamente desmanchado n'um accesso de delirium tremens, produzido pela digestão em estomagos fracos da mais idiota das rhetoricas.

Um viva ao sr. Conde de Burnay pela brilhantissima illuminação do seu palacio, pelo maravilhoso fogo de artifício, e ponto final. Já lá vai o mez de junho e o *ah!* de consolação sahido de todos os peitos repita-se mais uma vez aqui.

Lisboa recahiu na placidez dos seus verões. Theatros fechados, cafés solitarios. O luxo abandonou-a. Raras carruagens de criados com librés rodam por essas ruas. Só a Avenida, ás noites, das nove ás onze, se enche de passeiantes: homens de collettes brancos, casacos desabotoados, chapéos para traz; senhoras com toilettes frescas, tulles claras, ligeiras, em grandes laços sobre chapéos de palha. São todos os que não puderam, agora que o sol ameaça tornar-se abrazador, procurar as frescuras de Cintra com seus poeti-

cos arvoredos sussurrantes, as tardes nas praias doiradas pelos arreboes do poente, o silencio quasi religioso das grandes quintas muradas, que um rio d'agua atravessa lá em baixo entre os renques de choupos.

Os pobres ficaram e, para que as saudades diminuam, procuram n'uma arvore tísica visões de florestas, n'um pequenino tanque, em que nadam melancolicamente dois peixinhos encarnados e patetas, paizagens com ribeiras cantantes e o luar espreitando entre a folhagem, em seis palmos

de verdura, entre quatro muros tristes com as gas espalmadas, planicies extensas, em que se ouve o canto intervallado das codornizes na paveia.

E entretanto a feição de Lisboa n'este tempo que vai começar tem ainda os seus lados pittorescos. O sol fica-lhe bem dardejando sobre os telhados, faiscando nas calçadas, reverberando-se nas paredes caiadas, nos altos frontões claros das egrejas, esbatendo os contornos em tremuras nervosas, transformando o Tejo n'uma placa enorme, scintillante de prata em fusão.

As manhãs são claras. No ar sereno os barulhos da cidade, rodar de carros, engrenagens de machinas, pregões, algazarras de operarios ás portas das fabricas, sinos tocando, revoadas de pombos, pipiar da pardalada, todo esse concerto do trabalho e do amor, tem vibrações harmonicas, sob o azul intenso e tremulo, com o sol que requeima e que é a vida. O astro vae subindo. Meio dia. Nas ruas mais pacatas tudo é silencio; as casas dormem por detrás das gelosias corridas; os gatos estiram-se nos passeios, d'olhos fechados. A's portas das fabricas, na nesga de sombra, com as costas na parede, pernas ao sol, operarios jantam, mulheres desmancham os cabelos e recostadas preguiçosamente, com as cabeças sobre os joelhos das companheiras, são catadas, comendo ginjas, apertando os caroços entre os dedos, apontando os aos namorados. Os pardaes em silencio refugiarão nas acacias, os pombos nas cornijas. As folhas das arvores são immoveis. O calor cae. Vem-se aproximando a tarde com as suas melancolias. As ruas encheram-se de movimento. O sol desce glorioso na aureola opulenta. Começa o crepusculo, que se prolonga ainda muito depois que as primeiras estrellas se accenderam. Os contornos das pequeninas torres, as ruínas, um ou outro mirante, a folhagem escura das ar-

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



SUA EMINENCIA O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA — PRESIDENTE DA GRANDE COMISSÃO E LO CONGRESSO CATHOLICO

vores distantes recortam-se com nitidez no azul luminoso, n'uma estampa chata, sem perspectiva, como sombrinhas chinezas cuidadosamente trabalhadas. E nos montes do outro lado vão-se apagando, uma por uma, as janellas dos altos, que o sol no occaso inflammou. E a hora das saudades. O olhar acompanha o voltear doído dos andorinhões aos gritos e o pensamento vóa para longe, para o passado luminoso, enquanto a noite desce.

Atraz dos ricos a fugirem da melancolia da cidade vão os artistas em bando, a procurar n'outras regiões mais opulentas, mais alegres, mais famintas de diversões, o que Lisboa lhes não pôde agora dar ás suas ambições muito mais do que modestas. E n'esse bando vão aguias que vóam alto e olham para o sol, pombas brancas fugidas do casal e que acompanham de longe as aguias, franganitos pequenos que olham para cima e lá vão aos pulos, patos gingando, com o andar de anões, cujas cabeças grandes os desequilibram sobre as perninhas muito curtas. E todos levam um mesmo ideal e todos querem o mesmo. E' que as vidas são curtas e os tempos vão duros.

De todas as viagens annunciadas a que mais despertará o interesse da provincia será decerto a da actriz Virginia com a companhia por ella organizada, da qual fazem parte alguns dos nossos melhores artistas.

Tencionam elles percorrer muitas das principaes cidades de Portugal, Porto, Vianna, Braga, Vizeu, Guarda, Covilhã, Castello-Branco, Figueira, etc.

Muitos pela vez primeira ouvirão agora a musica dos poetas cantada por essa voz que é a mais encantadora das do nosso theatro, a mais quente, a mais vibrante, uma das que melhor sabem rir, a que tem mais lagrimas. Vir. inia, a discipula tão querida de Santos, uma das melhores actrices dramaticas do theatro portuguez, tem na sua voz d'oiro os mais opulentos recursos para levar a commoção ás almas. Dir-se-hia ás vezes um instrumento do céo tocado por mãos angelicas, tão misteriosamente nos enleva, tão longe nos transporta, tão facilmente nos faz viver nos sonhos brumosos dos poetas.

Acompanham a quatro actrizes todas do theatro de D. Maria: Carolina Falco, cujos recursos artisticos lhe permitem transportar-se do mais tragico papel, como o da *Martyr*, drama sombrio do seu repertorio, á mais alegre das farças, á sogra das *Surpresas do Divorcio*, um primor de execução: Emilia Lopes, cuja simplicidade no dizer, cujos processos, resultado d'uma perfeita educação artistica, lhe asseguram, em breve, um logar quasi vago na scena portugueza; e finalmente as duas irmãs Cruzes, Delfina, uma estrella, que, dia a dia, vai dando mais luz na mais brilhante das constellações e Laura, um astro que será de primeira grandeza e já mostra a sua aureola no extremo horizonte do oriente.

Leva Virginia na sua companhia, além do director de scena Augusto Mello, os actores Ferreira da Silva, Soller, Gil, Augusto Antunes, Costa, Bravo, Alves, Cabral, Lacerda, Maia e Sousa.

Não vale a pena repetir aqui elogios, que, ha muito, foram feitos a todos elles. O publico conhece-os ou vai brevemente conhecê-los. Pague-lhes com palmas o trabalho.

Muitos não sabem que porção de vida um artista dispense antes de poder realisar aquillo que ideou, a quantidade de obstaculos a derrubar, luctas a toda a hora, coisas mesquinhas que são embaraços gigantes, egoismos d'uns, invejas d'outros, indifferenças que magoam como insultos, indecisões, ideias defeitos, desanimos, descrenças. Quando uma obra está de pé, completa, que lagrimas não custou por vezes! Com que carinho o auctor olha para os pontos em que a viu mais ferida, receoso que alguém possa dar pela cicatriz que a desfeiz! E' por isso que esses que ahí vão agora merecem so pelo que já venceram o applauso de todos. Trabalharam, conseguiram. Poede o critico microcephalo accusal-os, que elles já fizeram mais pela luz do que sombra pôde dar um zero.

E enquanto os artistas desertam de Lisboa em busca de loiros, palmas e metaes correlativos ás triumphantes folhagens, um dos nossos mais applaudidos escriptores, com um ideal um pouco semelhante, partiu em viagem, a ver se no Cruzeiro do Sul encontrava estrella mais propicia do que essa com que nasceu.

Ha de alumiá-lo o decerto. Basta para isso chamar-se Eduardo Schwalbach e ser o auctor do *Intimo*, da *Anastacia & C.*, do *Filho da Carolina*, da *Santa Umbellina*, o folhetinista diario do *Jornal de Noticias* do Porto, o auctor de tantos arti-

gos cheios de espirito, espalhados por todos os jornaes de Portugal.

A sua doida alegria nunca desmentida, nem sequer nos casos mais embaraçosos da vida, ha de agora estrondear nas terras do Brazil como girandola de foguetes, em mil anedoctas de bordo, ditos fuzilantes, observações picarescas, discursos inflammados, enthusiasmos de artista. A sua actividade dirigida por um talento fóra do vulgar tem ali vasto campo onde exercer-se. Foi á conquista e leva, como melhor arma para tudo vencer, a sympathia captivante, que a todos inspira a sua alma transparente.

Feliz tem de sel-o, porque nada lhe falta para conseguilo, e d'aqui a trez ou quatro mezes tornaremos a vel-o por ahí, sempre a tratar de negocios urgentes e — «acompanha-me um instante por aqui abaixo, que eu não posso demorar-me» — sempre com muito que fazer, tudo á atravessar-se lhe nos negocios, resolver umas coisas no Conservatorio, escrever a correspondencia, acabar uma peça, falar com o João Franco, saber d'um doente, assistir ao ensaio, acompanhar um enterro, ir á bibliotheca e comprar umas botas.

Activó como poucos, chegam-lhe os dias para tudo. Constante nas emprezas em que se mette, consegue quanto quer.

E d'hoje em deante a historia do Brazil contará duas conquistas, a dos holandezes no século XVII, e do Schwalbach n'este fim de século.

Quando tudo se desmorona, elle sabe o que em nossos corações edificou e ficará de pé eternamente.

JOÃO DA CAMARA.

O CONGRESSO CATHOLICO

De entre os factos mais importantes que tiveram logar em commemoração do centenário de Santo Antonio foi, sem duvida, o congresso catholico aquelle que mais profundamente deixou os seus vestigios.

Realizado na igreja de S. Vicente de Fóra, hoje pertencente ao palacio patriarchal, juntou-se a magnificencia do edificio á subida elevação dos fins a que visava o congresso.

Como se vê da nossa estampa a igreja de S. Vicente é um monumento magestoso e sua fundação data da tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques. Está situada no logar em que o fundador da monarchia portugueza puzera os seus arraiaes durante o cerco da cidade.

O novo templo foi então consagrado á Virgem Maria e ao martyr S. Vicente, ficando popular só esta ultima invocação, para o que contribuiu a trasladação que o augusto monarcha fez do corpo, de S. Vicente do cabo de Sagres para Lisboa, e o ter tambem declarado padroeiro de Lisboa. Desde então o mosteiro ficou tendo o titulo de S. Vicente a que o povo, por elle se encontrar fóra da cidade lhe acrescentou de Fóra.

Este mosteiro foi doado por D. Affonso aos conegos regrantes de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra.

Uma recordação historica tornou este edificio mais apropriado á celebração do solemnisimo acto do Congresso, foi o ter Santo Antonio professado primeiramente n'este convento d'onde passou a tomar o habito franciscano.

Entre as sete estatuas que decoram os nichos da fachada está Santo Antonio; é a primeira á direita, começando de baixo.

A primitiva construção durou quatro seculos. Foi com a entrada do governo hespanhol que se reedificou desde os fundamentos. D. Filippe quiz que o convento fosse de notavel fabrica a qual levou 47 annos, tendo sido lançada a primeira pedra em 25 de agosto de 1582. D. Affonso Henriques lançou a pedra fundamental em 21 de novembro de 1141.

O architecto a quem D. Filippe confiou a construção foi Filippe Terzó e ao qual deu carta branca.

Como elle se desempenhou da regia incumbencia a nossa gravura dá a ideia. O edificio tem 48 metros de altura, contados até aos globos das torres ou 32 até á balastrada.

O interior da igreja ainda apresenta maior magestade do que o exterior. É de uma só nave e decorado com finos marmores, além dos 18 metros do cruzeiro tem 74 metros de comprimento.

Recentemente o governo fez grandes obras, restaurando o bello templo.

Como se vê não podia, pois, reunir-se o congresso em logar mais apropriado, no qual se casasse melhor a solemnidade do acto com a severidade do edificio.

Foi sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa, D. José III, quem presidiu ao congresso, sendo secretariado pelos srs. Dr. Fernando Pedroso e D. Thomaz de Vilhena. Sua eminencia era egualmente o presidente da grande commissão do centenário.

Sua eminencia houve-se com a mais requintada proficiencia no seu logar de presidente dirigindo com perfeita orientação christã os trabalhos de tão importante congresso.

No seu discurso de abertura, no dia 25 de junho, o virtuoso prelado, definindo os fins da solemne reunião disse que a Fé era a perfeição do homem e que entre a Sciencia e a Fé devia haver a mais intima aliança.

Dos trabalhos que resultaram do congresso dão medida perfeita as conclusões approvadas e largamente discutidas nas cinco sessões que se realisaram.

O exito foi grande, pois que, se receberam innumeras adhesões e concorreram muitos congressistas estrangeiros.

Fallou o sr. arcebispo de Evora que, como sempre, tratou em forma elevada de mostrar os serviços que a igreja tem prestado, começando por constituir a familia ate aos maiores serviços prestados á civilização pelas ordens religiosas.

Seguiram os congressistas commendador Filippe Toli, italiano, representante dos circulos catholicos do seu paiz; monsenhor Estanislau Almonacid, professor do seminario de Barcelona.

Terminou esta primeira sessão fallando o sr. Dr. Luiz José Dias que no seu discurso refutou o transformismo, fazendo uma notavel exposição das theorias da criação natural. As suas conclusões dão perfeita ideia do assumpto que tratou.

Além dos cavalheiros que fallaram e de que abaixo transcrevemos as conclusões, sabemos terem tambem tomado a palavra o rev. padre Pascal, professor de moral social na universidade de Lille; sr. Toniolo, professor da universidade de Pisa; padre Hichyek, superior do collegio irlandez em Roma e sua excellencia o sr. bispo conde, de Coimbra, a quem coubera a missão de fechar o congresso, o que fez n'um primoroso discurso.

Eis as conclusões, que todas foram approvadas pelo congresso:

Do sr. Barros Gomes — 1.º Fazendo a doutrina christã parte das disciplinas que entre nós constituem o ensino primario, muito convém alcançar dos poderes publicos que esse ensino seja regulamentado por forma que n'elle tenham directa intervenção, quer ministrando-o, quer fiscalizando-o, ou os parochos das freguezias, ou para as grandes aglomerações urbanas, ecclesiasticos nomeados pelo governo sob proposta dos prelados respectivos.

2.º E' da maxima conveniencia o diligenciar-se que nos collegios de instrucção secundaria, dirigidos por ecclesiasticos ou por qualquer outra forma influidos pelo pensamento catholico se estabeleça ou desenvolva, quanto possivel, o ensino da religião, comprehendendo o dogma, a moral e o culto, principios de apologetica e noções fundamentaes de historica e ecclesiastica e de liturgia, segundo os programmas e logo que possivel seja pelos compendios, para isso organizados, sob a superior direcção do episcopado.

3.º Convém empenhar esforços para convencer a opinião publica e os poderes do Estado da necessidade de incluir o ensino da religião em todos os institutos officiaes de instrucção secundaria.

Do sr. dr. Mendes Lages. — 1.º O materialismo faz dos homens seres insensíveis e selvagens; ataca as leis da natureza, tende a arruinar o mundo moral, frustrando os planos divinos.

2.º O remedio para os actuaes males sociaes está na volta da sociedade á religião, empregando para isso o desenvolvimento das ordens religiosas, a acção dos governos e as associações catholicas.

Do sr. dr. João da Santissima Trindade. — 1.º Que nas escolas, maximamente nas primarias, se ensinem os deveres do homem para com Deus, que a moral independente pretende negar.

2.º Que nas escolas superiores se aperfeicue o estudo da metaphysica, mãe de todas as sciencias; porque é da ignorancia da metaphysica que provem a maior parte dos erros philosophicos de ha tres seculos para cá e ao mesmo tempo a metaphysica é o melhor arsenal contra as theorias deleterias que tem arruinado a sociedade moral e o mundo economico.

Do sr. arcebispo bispo do Algarve. — O congresso affirma e reconhece que se torna necessaria a liberdade de associação para a igreja catholica em Portugal, e vota a urgencia de admissão das congregações religiosas d'um e outro sexo,

especialmente nas nossas possessões ultramarinas.

Do sr. dr. Agostinho de Azevedo. — O congresso faz votos por que o povo de Italia, inspirando-se no bem da causa não só religiosa mas ainda politica, restitua o Santo Padre á condição normal da independencia territorial, a qual é exigida pela sublime grandeza do seu ministerio de supremo chefe da igreja catholica, e como tal reclamada pelo voto unanime de toda a christandade.

Do sr. dr. Luiz José Dias. — 1.ª A resolução que as sciencias theologicas dão á origem da vida refuta e reduz a pó a philosophia materialista.

2.ª As sciencias naturaes levando a conclusão irrefragavel de que Deus é o auctor da vida, repellam o suicidio e o assassinio como injuria e lesão grave aos direitos do mesmo Deus.

Do sr. Jeronymo Pimentel. — O congresso emite o voto de que, sendo o socialismo uma enfermidade moral, o unico remedio efficaz ha de ser necessariamente tambem moral; deve pois, promover-se a diffusão dos principios religiosos e a pratica das virtudes christas, como meios quasi unicos de debellar aquelle grande mal.

Do sr. padre Senna Freitas. — O congresso emite o voto de que se deve inspirar o respeito e profunda veneração das escripturas contra os que nem lhe conferem o caracter de livro autentico e historico; inspirar o gosto e o amor da leitura da sagrada Biblia, tão ignorada e proposta no nosso século pelos seculares e até por muitos ecclesiasticos; recordar as recommendações que Leão XIII faz a tal respeito na primeira parte da sua encyclica sobre as sagradas escripturas; recommendar, todavia, e indicar aquellas e só aquellas edições biblicas que se acham approvadas pela Santa Sé, ou ao menos pela auctoridade episcopal, e acompanhados dos competentes e authenticos commentarios, que explicam o sentido biblico, por vezes escuro ou ambiguo.

Do sr. arcebispo de Evora. — O congresso faz ardentos votos pela união dos catholicos, como condição necessaria para se tornar, effectiva no futuro a influencia benéfica e civilisadora da igreja na sociedade.

Do sr. dr. Manuel Anaquim. — O congresso catholico internacional de Lisboa, reconhecendo com os melhores hypnologos, a inconsciencia e automatismo de muitos individuos hypnotisados e registando a immundidade de abusos e crimes, a que tem dado e pode dar a pratica do hypnotismo; proclama a irresponsabilidade, em muitos casos, do hypnotisado, e chama para todos ellas a attenção dos codigos penaes, se a este respeito não tiverem já disposições especiaes.

Do sr. dr. Pinto Coelho. — 1.ª E' especialmente opportuno em Portugal a diffusão e desenvolvimento das ordens terceiras como meio de combater pela religião de Christo contra a impiedade.

2.ª Deve promover-se a reunião em Lisboa de um congresso de representantes de todas as ordens terceiras portuguezas afim:

1.º De se fazer uma revista geral das forças de que dispõem.

3.º De se estudarem os meios da sua diffusão e rejuvenescimento.

3.º de organizar essas forças no sentido de as fazer convergir para um renascimento catholico.

Do sr. D. Thomaz de Vilhena. — Que se instituem em todas as dioceses, sob a protecção do episcopado e com o auxilio do clero, associações da obra pia, da mocidade catholica, associações protectoras de operarios, tendentes a fervor do espirito religioso dos seus consocios, propagar o sentimento religioso; e que essas associações, chegadas ao preciso grau de desenvolvimento, enviem ao parlamento delegados seus para defenderem os direitos da igreja e pugnar pelos interesses da patria.

E. P.



AS NOSSAS GRAVURAS

CORTEJO FLUVIAL NO TEJO

Um dos numeros do programma das festas do Centenario Antonino, era o do cortejo fluvial, no Tejo, e que se realisou na tarde do dia 27 de junho.

A imagem de Santo Antonio foi conduzida proccionalmente desde a ermida do Valle até ao Caes dos Soldados, embarcando ahí no bergantim

real que a transportou até ao Caes de Santos, e seguindo depois em procissão até á igreja de S. Francisco de Paula.

De todas as festas celebradas foi esta uma das que correu melhor e que mais agradou ao publico, que, em grande quantidade accudiu ás margens do Tejo e ruas do transito a vêr o cortejo.

O Tejo apresentava um ar de festa pouco vulgar no nosso rio, tão proprio para diversões fluviaes. O grande facho do sol illuminava com a sua brilhante luz collossal este pequeno oceano em que Lisboa se revê, e os seus raios incidindo sobre os doirados do bergantim real e das galeotas, multiplicavam-se em focos de luz que deslumbravam. Na frente ia o bergantim real conduzindo a imagem do Santo com os respectivos ecclesiasticos, irmandade e uma musica.

Seguiam-se duas galeotas conduzindo as auctoridades ecclesiasticas; a seguir, á direita, o vapor *Lidador* com o corpo diplomatico; á esquerda, a canhoneira *Tavira*, com a commissão central, seguindo na esteira d'estes navios o transporte *Salvador Correia*, escaleres dos navios de guerra estrangeiros, á direita, e dos nacionaes á esquerda; vapores mercantes, barcos das associações navaes em paralelo com os escaleres da alfandega, fechando o vistoso cortejo muitas dezenas de pequenos botes conduzindo homens e senhoras.

Todos os navios surtos no Tejo e de diferentes nacionalidades achavam se embandeirados em arco, n'uma multiplicidade de côres que alegravam a vista e davam o tom de completa festa. Os foguetes estoirando no ar, e as musicas inundando de harmonias o espaço que a fresca briza da tarde suavizava dos raios ardentos do sol, tudo constituia um espectáculo commodo e encantador como raras vezes temos presenciado no Tejo.

A familia real assistiu ao desfilar d'este cortejo, das janellas do ministerio da guerra que deitam sobre o rio e por toda a margem norte se observavam as janellas apinhoadas de senhoras com suas vistosas *toilettes*.

Ao nosso estimado amigo e collaborador artistico sr. José Pardal devemos a amabilidade da aguarella que reproduzimos em gravura, representando a passagem do cortejo, no Tejo.

FLORIANO PEIXOTO

Os telegrammas do dia 3o do mez findo transmittiram a noticia da morte de Floriano Peixoto, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil e um dos militares mais valorosos que se distinguuiu nas campanhas do Paraguay.

Eleito vice-presidente da Republica, assumiu a presidencia por morte de Deodoro da Fonseca primeiro presidente eleito, e bem se pôde dizer que o seu governo foi uma constante lucta, que accendeu a guerra civil e levou o lucto e a desolação a todo aquelle grande paiz.

N'essa lucta, em que Floriano Peixoto se viu saltado por todos os lados, e muito especialmente pela marinha brasileira, tendo á sua frente Custodio José de Mello e Saldanha da Gama, desenvolveu energia pouco vulgar para defender a sua posição e subjugar os revoltosos.

Tornou-se um verdadeiro heroe e o antigo bravo da batalha de Aquidabam, sustentou valorosamente o prestigio da auctoridade, fazendo esforços quasi sobre humanos para resistir e vencer a revolta que se alastrava por assim dizer a todo o paiz.

A reunião das assembléas que elegeram o dr. Prudente de Moraes novo presidente da Republica, não conseguiu acalmar o paiz, e Floriano foi combatido até ao ultimo momento do seu governo, até entregar o mandato nas mãos do novo presidente.

Estava extenuado, aggravaram-se-lhe antigos padecimentos adquiridos em campanha e a morte poz termo a tudo, no dia 7o de junho, perdendo o Brazil um dos seus filhos mais valiosos.

Floriano Peixoto morreu com 53 annos de idade pois nascera, em 1842, na provincia de Alagoas.

Uma coincidência verdadeiramente notavel occoreu na morte de Floriano Peixoto, e foi a do fallecimento no Rio Grande do Sul, de Saldanha da Gama, não menos bravo que elle e o seu mais incarnado antagonista, noticia que o telegrapho transmittiu ao mesmo tempo.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

(Continuado do n.º 592)

Tal qual o poeta, adormece ás vezes o guerreiro sobre os louros. — A invasão de Portugal deu logar, da parte de Massena, a um acervo de er-

ros de officio. A 25 de setembro, quando Wellington lhe offereceu batalha, o principe deixou fugir o ensejo de a aceitar.

Se acaso o Bussaco tem podido ser levado á escalada, com exito provavel, teria sido esse o verdadeiro ensejo de dar a acção. A divisão de Reynier, que viera pela estrada da esquerda, tomara posição em Santo Antonio do Cantaro, frente á frente com a divisão de Picton. Os aliados marchavam dispersos pelas alturas da serra, para irem occupar as respectivas posições: — metade do norte estava desguarnecido e, em dois pontos, Ney e Reynier formados em ordem de batalha, á testa de 40:000 combatentes. Viram ambos generaes que era este o momento azado de romper a acção; ambos ardião, impacientes, no desejo de atacar; porem Massena, que ficára, a obra de dez milhas, na rectaguarda, ordenou que se demorassem o ataque até que elle em pessoa, viesse dirigir-o. Semelhante demora decidiu da sorte da batalha, deu tempo á primeira divisão para escolher terreno, á segunda para vir do Alva, á quinta para atravessar o Mondêgo; e, enfim, ao conjunto das forças para assentarem posições e se fazerem fortes n'ellas; do que resultou serem, mais tarde, baldados todos e quaesquer esforços empregados no intuito de os desalojar, e ver-se o inimigo sempre repellido com bravura e terrivel effusão de sangue.

Estamos bem longe de suppor que fosse impraticavel o investir Torres Vedras, mas, para o levar a cabo, com exito seguro era indispensavel ter procedido com decisão e rapidez. Um golpe de mão atrevido poderia ter tornado accessivel a estrada para Lisboa, — aqui, porém, o genio bom de Massena parece tel o abandonado novamente.

Massena desprezou as observações de Ney, e permaneceu inactivo em frente das linhas; porém a experiencia ia-lhe, de dia para dia, mostrando resultados cada vez mais funestos, de semelhante erro.

A situação do marechal apresentava-se de hora para hora menos risonha, porquanto, á medida que iam escasseando mantimentos de toda a especie, augmentava, naturalmente, na mesma proporção a dificuldade de os obter; e, para qualquer lado que o marechal dirigisse forrageadores, sahia lhes invariavelmente ao encontro o inimigo. D. Carlos de Hespanha interrompera as communicações entre Castello Branco e Abrantes. A cavallaria ingleza estava, com uma força de ligeiros hespanhoes, no Ramalhal. A coberto das muralhas de Obidos, Fenwick, guerrilheiro destemido, capitaneava um corpo de tropas collecticias, mas valentes, Waters, o coronel *infatigavel*, andava á caça dos partidos de exploradores, enquanto Wilson, nas proximidades das linhas, batia o terreno desde o Espinhal até ás margens do Zezere.

A retirada de Wellington para ás linhas foi operação bem concebida, bem organizada e ainda melhor executada. É certo que o ajudaram varias circumstancias: — optimo tempo, estradas ainda em bom estado, o exercito em excellentes condições, quer moraes, quer physicas, a sympathia da população facultaram a este movimento de retrocesso relativa facilidade Massena, pelo contrario, encontrava obstaculos serios que o impediam de avançar — taes como a incerteza dos mantimentos e a perseguição dos guerrilhas pelos flancos e pela rectaguarda.

E' singular como se faziam sentir ainda, nas linhas de Lisboa, as consequencias da retirada desastrosa de Sr. John Moore. Em periodo algum da campanha foram tão ameudadas as desertões e tão inexplicaveis e, na ausencia de causa apparente á qual possa attribuir se a constante repetição do delicto, devemos buscar-lhe motivos no relaxamento da disciplina.

«Em verdade, não sei» escrevia Lord Wellington, «o que possa motivar a actual frequencia de semelhante crime, consideradas as circumstancias em que se encontra este exercito. Os nossos soldados presenciam a cada momento a chegada ás suas linhas dos desertores do exercito inimigo, unanimes todos em historiar a muita fome e as espantosas privações que por lá soffrem e o desalento que lávra nas sua fileiras. Consideram os francezes de todo perdida a esperanza no feliz exito da campanha. Os nossos, entretanto, vêem que nada lhes falta; que estão ao abrigo de quaesquer privações; não havendo um unico artigo de mantimento ou de roupa que lhe não seja distribuido a tempo; bem aquartelados e tratados o melhor possivel, — que o serviço será tudo menos pesado; e, ainda por cima, que tudo lhes prognostica exito favoravel.»

Chegara em fim o momento que ia vêr confirmadas as opiniões expendidas pelo generalissimo do exercito aliado. Sentia Massena quanto era desastroso, senão impossivel, lutar por mais tem-

po contra a mingua; e que a ultima alternativa era retirar quanto antes, abandonando a sua posição fronteira ao acantonamento dos alliados. Bem contra sua vontade, acceitou este alvitre, e habilissimamente o poz em practica; e se, quando avançou, o fez contra todas regras e preceitos da sciencia da guerra, em compensação, deu o mais completo e admiravel exemplo de pericia militar, e mostrou-se digno da elevada quanto bem adquirida reputação.

Os preliminares de tão difficil operação foram

ter gravemente as suas tropas. A supposta retirada de Massena podia muito bem ser mero estratagem a fim de attrahir os alliados para áquem das posições que occupavam — emquanto que, torneando Montejunto, o marechal ficava habilitado a cahir de improviso sobre Torres Vedras, — e portanto o nosso generalissimo teve o maximo cuidado em conservar de prevenção todo o exercito, (á excepção, todavia, de duas divisões, a 2.ª e a dos ligeiros) debaixo das suas vistas e prompto á primeira voz.

guerra é conhecer quando convém atacar, não é condição de menos valor para o perfeito soldado, o saber escutar a voz da prudencia, e suspender, a tempo, o braço.

O ingresso em Santarem estava interceptado por meio de abatizes, e defendido por fortissima bateria, assestada nas alturas, e cujo fogo varria o caminho, de vez a vez. Uma vez forçado tão difficil desfiladeiro, encontrar-se-hiam, todavia, os assaltantes em frente de um renque de cabeços, dominados por um monte mais elevado, represen-

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



EGREJA DE S. VICENTE DE FORA, ONDE SE REUNIO O CONGRESSO CATHOLICO

tão habilmente combinados e com tal segredo, que, no proprio exercito francez, como nas linhas, era geral a crença de que o marechal se dispunha afinal a tomar a offensiva contra uma posição em frente da qual permanecera, durante muito tempo, de braços cruzados, em prolongada quanto inutil observação.

Quando, porém, principiou a mover-se, as suas manobras foram de mestre na arte de guerra. Seria impossivel, ainda ao mais sagaz, avaliar por ellas as intenções do commandante do exercito invasor, e Lord Wellington tinha a consciencia de que, á minina imprevidencia, poderia compromet-

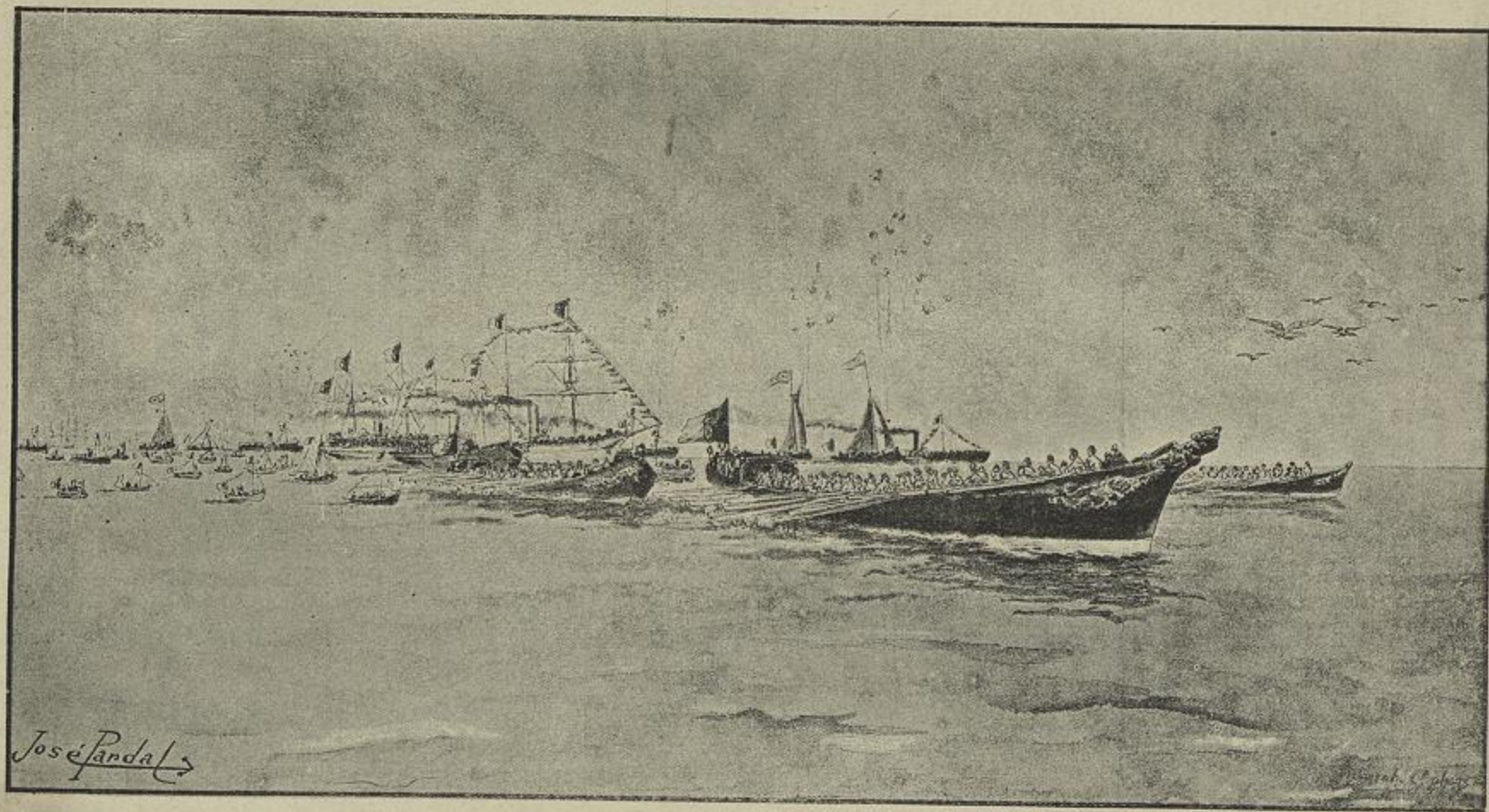
Apenas percebeu que o movimento de Massena era a valer, e suppondo ao marechal a intenção de passar o Zezere, para sahir definitivamente de Portugal, ordenou a Hill que atravessasse o Tejo e marchasse para Abrantes, em quanto elle, Wellington se encarregava de perseguir a rectaguarda franceza, a qual calculava ir encontrar em Santarem.

As subsequentes operações do commandante das forças alliadas constituem exemplo raro de tino e sagacidade, e são dignos de servir de lição a militares. D'ellas se deduz, mais uma vez, que, se um dos principios fundamentaes da arte da

tando cada um de per si posição assaz forte; e, para se poder atacar Santarem era indispensavel levar todos á viva força.

O general Fane, induzido em erro mediante uma manobra do exercito de Reyner expediou um despacho a Lord Wellington, annunciando-lhe que os francezes iam retirando em direcção ao Zezere: Reynier vendo-se de todo separado do oitavo corpo, e temendo, por conseguinte, que a divisão do seu commando fosse cortada, enviou, a toda a pressa, doentes e feridos para a Gollegã, depois de ter mandado observar, pela cavallaria, as pontes de Rio Maior, na hypothese de que Lord Well-

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



CORTEJO FLUVIAL NO TEJO NO DIA 27 DE JUNHO DE 1895

(AGUARELLA DO SR. JOSÉ PARDAL)

ington necessitasse avançar por aquella estrada.

Concluiu de taes circumstancias o chefe dos aliados que Santarem não estava muito forte; e portanto, a 19, realisou os preparativos necessarios para atacar aquella posição.

Quiz, porém, o acaso que parte da artilheria viesse ainda pelo caminho; e, comquanto, a não ser este elemento, tudo mais estivesse a postos, resolveu esperar pela chegada das peças. Foi providencial a demora, e Wellington com olhar de aguiá descortinou symptomas que indicavam preparativos para uma tenaz resistencia. Era evidente que a posição seria energeticamente mantida.

Os generaes ambos estavam dispostos a aceitar combate, mas nenhum d'elles resolveu a tomar a iniciativa. Ambos nutriam projectos, em vista dos quaes, seria grave erro politico baterem-se não podendo contar com absolutas vantagens. Massena, na posição que ultimamente occupava, tinha a sua frente protegida pelas cheias do Ribatejo; na rectaguarda a villa de Punhete, fortificada, e a ponte que mandara lançar sobre o Tejo bem defendida. As tropas esta am promptas, á primeira voz, e abria-se na sua frente uma linha dupla de communicação com a Hespanha da qual não só auferia vantagens para cobrir o transporte de viveres e obter reforço, como tambem lhe facultava a retirada, em caso de necessidade. Considerações tanto militares como politicas impelliam fortemente Massena a conservar-se em Portugal até á ultima, emquanto encontrasse mantimentos. Lisboa não podia considerar-se segura, nem o Porto ao abrigo de qualquer ataque emquanto Massena mantivesse a sua posição no paiz. A occupação de uma parte do reino agravava além d'isso os soffrimentos da povoação esfaumada, alimentando-lhe o desalento e a desafeição para com os seus aliados, e diminuia, portanto, as probabilidades de exito ao exercito inglez.

Os motivos que levaram Lord Wellington a não romper as hostilidades, melhor se deduzem das suas proprias palavras:—«Não tenciono» diz elle, effectuar qualquer movimento mediante o qual me veja obrigado a envolver o meu exercito em acção geral, n'um terreno que me não proporcione as vantagens indispensaveis a segurar o exito de uma grande batalha.»

«Qualquer desastre importante que nos succedesse seria o unico salvaterio para a situação difficilissima em que se encontra o inimigo; e se eu fosse arriscar a sorte da campanha, tornando-a dependente do resultado de um combate geral em terreno escolhido por elles, que não por mim, auxiliaria por esse facto os seus planos. Faço portanto tenção de manter parte das tropas ligeiras em activa perseguição contra o flanco e a rectaguarda do inimigo, apertando com este, quanto possivel; evitarei porém, até á ultima, envolver-me em lance de gravidade, n'esta região do paiz, e em terrenos cujas condições se me afiguram duvidosas.»

Exemplo tão frisanete da fabiana circumspecção de Lord Wellington prova soberbamente o quanto cumpre ao bom capitão sacrificar, a tempo, todo e qualquer motivo de ordem pessoal aos dictames da prudencia.

Spectator.

A BASILICA DE PADUA

VIII

(Continuado do n.º 593)

A casa dos milagres, na basilica de Padua, deve remontar a 1430, porém no seculo XVI, houve planos de a fazer mais alta, pelo que, hoje apresenta uma forma dupla.

Collaboraram na sua decoração os mais celebres pintores.

Entre as obras primas que recheiam esta casa ha um magnifico oratorio, e dezeseite quadros, valiosos representando diversos prodigios feitos pelo Santo.

Muitas são as preciosissimas reliquias que de Santo Antonio se conservam religiosamente em outros tantos relicarios do opulento thesouro da Basilica.

Eil as: — a lingua subtrahida á corrupção; a maxilla inferior, á qual falta um dente, um dos ossos do braço esquerdo — uma porção de pelle do craneo — alguns cabellos — o dente que falta na maxilla — um bocado do seu cilicio — um fragmento do capuz — um dedo — a pedra que por vezes lhe serviu de traveseiro, um bocado da tunica — o amicto e o manipulo — o copo milagroso — algumas postillas veneradas como authographos, juntos a uma copia dos seus sermões.

Todas estas reliquias tem respectivamente o

seu relicario. Um dos mais bellos é decerto aquelle cuja gravura apresentamos. E' n'elle que está a lingua do Santo.

Tal como se pode vêr, o relicario consiste n'um pedestal ornamentado e com figuras sobre o qual descança a base em forma de igreja, encimada por cupolas.

O artista que o executou deu-lhe uma delicada elegancia graças á transição de estylos que estabeleceu, entre o byzantino e o renascença.

Attribue-se aos ourives Pedro e Bartholomeu de Bolonha, os quaes floresceram pelo meiado do XV seculo.

Outro relicario, tambem notavel, não só pelo desenho mas como tambem pela execução, é um em estylo byzantino que guarda o Santo Lenho. E' obra do ourives Alexandre de Parma, que deve ter vivido pelos principios do XV seculo.

Entre os restantes relicarios, que ao todo são cento e dois, não é facil especialisar: ha-os de todas as grandezas, e de diversos labores e estylos differentes.

Terminemos fallando de duas outras preciosidades de ourivesaria que se conservam, a par das já citadas, no thesouro da basilica.

Uma é o grande thuribulo com os respectivos apetrechos. O thuribulo que é no estylo ogival e byzantino, peza cento e quarenta onças. Julga-se trabalho dos ourives Pedro e Bartholomeu de Bolonha.

A outra é a navêta de prata dourada, que peza cento e vinte onças, e que se considera como unica no seu genero. Está ornada com instrumentos maritimos e o pedestal que é em forma de ellypse semelha um rochedo á beira-mar. D'elle surge uma sereia com um molho de algas, tendo um navio á cabeça.

Em todas estas riquissimas peças o trabalho e a arte excedem muito a excellencia do material.

E' de notar como o profundo culto que se tributa a Santo Antonio, tantas maravilhas tem inspirado aos artistas, e é assombroso para quem tiver a felicidade de as poder admirar todas, como ellas se tem podido reunir, quasi que n'um só ponto, constituindo assim o valioso e preciosissimo thesouro da magnificente basilica de Padua.

Gerações successivas tem enriquecido esse thesouro, o que mostra bem como o culto e as homenagens constantes a Santo Antonio vem de longa data, atravez os seculos, sem nada perderem da sua intensidade e grandeza.

Esteves Pereira.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do n.º 594)

Procurei muito a inscripção de que se trata, mas não a encontrei; talvez jaza escondida por umas coisas de madeira que lá estão a pejar a passagem por traz da capella-mór actual, e onde se guardam rebanhos de castiças.

Eil a transcripta de *Historia ecclesiastica* de Cunha:

ERA MCCCLXXII. 1 EM 5. DE ABRIL, O MUI ALTO PRINCIPE SENHOR DOM AFOŊSO 4. PELA GRAÇA DO SENHOR, REY DE PORTUGAL & DOS ALGARVES, FILHO DO MUI NOBRE REY DOM DYNIS, POR ESSA MESMA GRAÇA REY DOS SOBREDITOS REYNOS, MANDOU & FEZ EDIFICAR, & ACABAR Á SUA CUSTA ESTA CAPELLA, COM A CHAROLA, E TODAS AS DE DETRAS CAPELLAS DE REDOR D'ELLA, Á HONRA & LOUROS DE DEOS & DA SAGRADA & GLORIOSA S. MARIA, & DO MARTYR S. VICENTE, PADROEIRO, & COLUNA DE PEDRA DOS REYNOS DE PORTUGAL, & DOS ALGARVES, E DOS NATURAES, & MORADORES DOS DITOS REYNOS. NA QUAL CAPELLA O DITO SENHOR REY ELEGEO SEPULTURA, COM A RAYNHA DONA BRITES SUA MOLHER, PARA SI, & PARA SEUS FILHOS, & PARA OS OUTROS DE SEU SANGUE, QUE DELLES DESCENDEREM POR DIREITA LINHA, OS QUAES SENHORES, REY, & RAYNHA, & SEUS FILHOS MANTENHA DEOS EM SEU SERVIÇO, & OS LEVE, DESQUE DESTE MUNDO SAIREM, PARA O SEU SANTO REYNO DO PARAYSO. AMEN.

Em 1337, uma sexta feira, vespera de Natal, antes da meia noite, deu-se novo terremoto, que não consta os destroços que deixou.²

Em 1344 outro que de novo arruinou a sé, e muitos mais edificios.

Com temeroso y descomunal ruido tembló la tierra en Lisboa (diz o historiador Marianna);... y con

¹ ANNO, 1334.

² Moreira de Mendonça, *Hist. dos terrem.*, citando o *Livro de noa*, *ibid.*

mucho espanto de las gentes temblaron los edificios, y se cayó el cimborio de la iglesia mayor. Lo qual fue principio y presagio de otros mayores males ¹.

Mandou el rei D. Affonso IV certamente concertar os estragos; e a essas obras todas que em sua vida realisou, e se vê eram consideraveis, allude o mesmo senhor no seu testamento lavrado em Leiria (doze annos antes de fallecer) em 13 de fevereiro de 1345 (era de 1383).

Continuando n'este lamentavel sudario, accrescentarei que logo em 1347 houve outro terremoto, que provavelmente accrescentou os destroços ².

Mas antes de irmos a deante: Procuremos se não será possivel encontrar vista antiga d'este notavel edificio, vista que possa dar alguma idéa approximada do que elle era no seculo XIV (parece ter sido esse o seu periodo de mais esplendor). Para satisfação do leitor respondo; existe o suspirado retrato. Vem na *Historia geneologica*, no tomo das medalhas e moedas. É um grande e formoso sello, a que já tive que alludir no livro 1^o.

Pertencem o dito sello á camara da cidade de Lisboa do tempo d'el-rei D. Affonso IV, anno de 1352.

Apesar de muito mal tratado, ainda assim consegue dar-nos valiosas indicações archeologicas, que em balde procuraríamos n'outra parte. Com a singeleza convencional da graphia sphragistica, apparece-nos n'este redondo uma vista completa da cidade de Lisboa. Aos pés o Tejo; navega n'elle a barca de S. Vicente; lá vai o cadaver, e á prôa o corvo. Junto á orla do rio a muralha torreada, que envolve todo o recinto até ao castello, cujo ambito perfeitamente se lobriga.

E ao centro da composição, o braço principal da cidade, a sua nobilissima sé episcopal. Lá está ella com as duas torres (mas minaretes do que torres) apontadas de curocheos; as suas ameias floreteadas; o seu portão meridional; e as ogivas e butareos da parte oriental; lá está ella carregada da sua enorme torre quadrada, que a tantos seculos resistiu, e caiu em 1755. Tal como alli a estudamos, devemos considerar-a approximado desenho da reedificação por el-rei D. Affonso IV.

Creio que ao estado em que o templo se achava por então, se referiam as palavras de certo italiano do seculo XIV, que escreveu:

Dentro nos muros da dita cidade (Lisboa) ergue-se uma igreja de admiravel grandeza dedicada á honra da Virgem Maria ³.

Merecidos ecomios!

Em todas as vistas antigas de Lisboa me apparece a celebre torre quadrada, tão formosa, tão grande, e tão alta, diz o minucioso Andrada na sua *Miscellanea* ⁴,... que é lastima vel-a tão mal tratada.

A torre quadrada era uma especie de zimbório (se assim se lhe pôde chamar) erguido sobre o cruzeiro: torreão immenso, mais alto que os campanarios, com tres andares de janellar, e um sino no eirado. Tal é o desenho do sello de 1352, e tal é a pintura a oleo da academia das bellas artes (principio do seculo XVIII).

Não affirmo que el-rei D. Affonso IV fosse o autor d'este colosso, como querem alguns; ha porém induções que me levam a suspital-o, ou pelo menos a julgar que esse monarcha fosse o reconstructor do dito zimbório, que (se é authentica a asserção de Marianna), caíra no terremoto de 1344.

O certo é que, segundo disse, de 1352 para cá apparece a alludida torre em todas as vistas que possuímos da sé.

Entra agora a descripção succinta da *charola*, ou recinto semi-circular por traz da capella mór, denominado *as cappellas affonsinas*. Sabe-se que foi el-rei D. Affonso IV quem o construiu. Podiam e deviam ser um brinco estas formosas talhadinhas ogivae de meia laranja que fórma a cabeça do edificio; mas não são, infelizmente. Vamos correl as.

Ha grande divergencia, quanto ao orago de cada uma, nos diversos informadores, Carvalho da Costa, Villela, e outros. Não admira. Depois do

¹ Marianna, *Hist. de Esp.*, ed. de 1691 — t. II, pag. 40. — Moreira de Mendonça, citando a Marianna, a Frei Raphael de Jesus, a Garibay, etc.

² Moreira de Mendonça, citando o conhecido *Livro de noa nas Provas da Hist. gen.*

³ *Hist. gen.*, t. IV, taboa I.

⁴ *Intra cujus muros ecclesia quodam mirae magnitudinis ad honorem gloriosae Virginis Mariae fabricata consistit. — Vita Sancti Antonii. — Port. Mon. — Scrip. — pag. 117, col. 1.^a*

⁵ Dialogo 2^o, ed. de 1867, pag. 45.

terremoto de 1755 supprimiram-se varias capellas da sé, *cujos rendimentos, diz um escriptor, se applicaram para a reedificação da parte arruinada do templo*¹. Sempre as economias e poupanças! As nações pobres, como a nossa, fazem de vez em quando essas operações de thesouraria.

Vou narrar o estado actual, seguindo sobretudo as minhas informações, pessoalmente obtidas, ás vezes com grande custo.

CAPELLAS AFFONSINAS

1.ª Capella

A 1.ª diz Carvalho da Costa que era de Nossa Senhora da Luz. Hoje não existe; foi transformada na recâmara da do Sacramento.

No que d'antes foram as costas d'essa capella da Luz vê-se hoje uma inscripção pedra, que vou transcrever, porque historia uma parte do que desejamos investigar. Eil-a:

NAS COSTAS D'ESTE EPITAPHIO, FICA A CAPELLA QUE FOI DE NOSSA SENHORA DA LUZ, INSTITUIDA POR D. CATHARINA DA CUNHA, DE QUE FORÃO ADMINISTRADORES D. PEDRO ALVARES DA CUNHA, E SEUS ASCENDENTES DA QUAL PERTENCE O UZO, E ADMINISTRAÇÃO À IRMANDADE DO SANCTISSIMO SACRAMENTO D'ESTA SANTA SEE METROPOLITANA, POR CONTRACTO CELEBRADO COM O DICTO ADMINISTRADOR NAS NOTTAS DO TABELLÃO PUBLICO DAS CAPELLAS MANOEL CORREYA DOS SANCTOS EM 18. DE JUNHO DE 1719. PRECEDENDO PROVIZAM REGIA, E MAIS SOLEMNIDADES PER DIREYTO NECESSARIAS. LISBOA ORIENTAL 20 DE SETEMBRO DE 1720.

A cada lado da inscripção vê-se o brazão dos Cunhas; esquartelado; no primeiro cruz florida; no segundo nove cunhas; e assim os contrarios; bordadura a todo o escudo com as cinco quinias.

A 2.ª diz o mesmo Carvalho que era do Espirito Sancto. Tambem não existe; creio que é um espaço gradeado, junto á passagem para os claustros, no qual se revestem os meninos do côro.

A 3.ª segundo Carvalho, e 1.ª segundo Villela, era da Trindade para um de Sancto Aleixo para o outro. Hoje é a 1.ª das affonsinas (começando da esquerda); o seu orago é a Senhora da Penha de França.

Nada tem esta capella de notavel, a não serem os capiteis das columnas da ogiva do arco; esses são muito bons, como em todas as outras da charola. O resto é moderno, e pobre. Na machineta do altar vê-se Nossa Senhora, e aos dois lados S. José e S. Francisco. Por traz d'estas duas ultimas imagens ha duas pinturas antigas, menos más: Sancto Antonio, e S. Miguel.

A 4.ª segundo Carvalho, e hoje 2.ª, era, e é, de Sanct'Anna. Ahi entrei com o ajudante do thesoureiro o sr. Sampaio, em 7 de fevereiro de 1883, e depois de andarmos nós mesmos a afastar uma porção de castiças de madeira que dormiam por detraz do altar, arredamos uma enorme taboa, e vi um tumulo, ou arca de pedra, com uma estatua de mulher deitada a ler n'um livro, e em roda da arca esculpidos os brazões alternados de Portugal e dos Manueis. Quem dorme alli? Pergunta a que só o ecco me respondeu.

Recommenda-se esta capella pelos seus bellos mosaicos de marmore florentino, e pela sua obra de talha doirada.

Além de varios Sanctos em vulto no altar e aos lados, vêem-se nas paredes lateraes dois bellissimos quadros antigos: o da esquerda representa uma Sancta, talvez Sanct'Anna, dando affectuosamente a mão a um Sancto ancião, talvez S. Joaquim; o da direita representa o nascimento da Virgem.

A 5.ª, segundo Carvalho, hoje 3.ª, era no tempo d'aquelle autor chamada de Sancto Idefonso, que ainda lá está no altar. Tem na talha doirada o brazão de armas de Portugal, Castella e Leão em duas pallas, com a corôa real. Hoje é esta capella conhecida pela do *Presepio*, pois contém um grande presepio de figuras de barro.

A 6.ª capella segundo Carvalho, agora 4.ª, era para aquelle escriptor titulado de Sancta Cecilia; outros dão-n'a como de S. Cosme e Damião. Hoje não tem orago; está profanada, e serve para gabinete do sr. deão da Sé. Ahi se erguem ainda, aos dois lados, as formosas arcas, onde jazem: á

banda do Evangelho o grande Lopo Fernandes Pacheco, e á da Epistola sua segunda mulher.

A 7.ª capella está hoje profanada. Ahi se arrecadavam alfaias velhas, e n'um recinto interior é o thesouro.

Finalmente a 8.ª capella segundo Carvalho, e hoje 6.ª, era e é de S. Sebastião, do padroado dos viscondes de Villa Nova de Cerveira. Fundou-a D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa, e depois arcebispo de Braga.

Fallei ainda agora no terremoto de 1347; veio outro em 11 de junho de 1355, e logo outro em 24 de agosto de 1356; com elles tornou a fender-se a capella-mór da sé; de crer é que restaurassem o destroço, que porém não estaria ainda remediado d'ahi a dois annos, em 1358, quando a nobre viuva de Affonso IV, a bondosa e sancta rainha D. Brites, lavrava o seu testamento, e se mandava enterrar (palavras suas) *em aquell lugar e Capella hu ElRey D. Affonso meu Senhor, a q Deus perdoe, jaz; ou haver de fazer*: acrescenta a rainha, por saber que a sepultura primeira de seu marido era provisoria em quanto se não restaurassem os destroços da capella-mór¹.

Mas é que foi deversas medonho aquelle dia de S. Bartholomeu! *Anda o diabo ás soltas*, costuma dizer o povo; com bem razão o diria n'esse anno. Derribou o abalo muitas casas, e arruinou outras. O *Livro de noa* de Sancta Cruz o conta, que faz pavor². Durou um quarto de hora. Era á tarde. Tangeram por si mesmas as campas nos campanarios; sinistro badalar de Trindades! e fugiam todos os habitantes da cidade em horrivel confusão.

Havia pouco mais de dois mezes, subira á cathedra episcopal de Lisboa o prelado francez D. Reginaldo, que ausente governou o bispado pelo seu vigario geral. Teve o desgosto de ouvir que se alluira outra vez (pelo menos em parte) a recém-construida capella-mór; caso de grande agoiro para el-rei, que o tomou como presagio de morte, e em maio seguinte acabou³.

Continuaram porém as obras, já no reinado d'el-rei D. Pedro, segundo se deprehende de uma provisão, que o arcebispo Cunha viu, e em que o 32.º bispo de Lisboa, D. Lourenço Rodrigues, nomeava a um tal Ayres Vasques *procurador das obras da sé*⁴.

Entre essas obras figuravam de certo os moimentos do rei defuncto, e da rainha (ainda viva então). Consta do testamento da mesma senhora⁵, que el rei fôra sepultado no côro da sé, apesar do que ordenara, visivelmente, como acima apontei, por não se achar ainda a capella-mór apta para o receber. No côro determinara a rainha ter sempre acceza uma lampada. Mandara fazer o seu tumulo, e ordenava que a sepultassem n'elle, e o possessem junto do d'el-rei, quando o mausoleo do monarcha houvesse de ser definitivamente collocado. Vê-se que era a sua idéa fixa. Não queria, nem depois de morta, separar-se de Affonso!

* *

Como já disse, tinham dado muito de si as paredes da capella-mór da sé, com o terremoto de 1356. Para cumulo de infortunio, veio sobre ellas um raio, já no tempo d'el-rei D. João I⁶, e novo terremoto em 1404⁷. As ruínas (ou pelo menos o tal ou qual destroço) conservou-se annos, se bem que el rei D. João *começasse* em sua vida a restauração da dita capella-mór.

Que elle, e outros principes, alli fizeram innovações ou restaurações mais ou menos consideraveis, está provado.

Em 1358, por exemplo, instituiu o infante D. Pedro filho d'el-rei D. Diniz, e irmão de Affonso IV, uma capella da invocação de Nossa Senhora da Conceição, e lhe detei minou capellão, com 100000 réis de ordenado, obrigação de Missa quotidiana, e bem assim fundou logares para *merceiros*, etc.⁸.

(Continúa.)

JULIO DE CASTILHO.

¹ Hist. gen., ibid.

² Hist. gen. — Provas — t. I, pag. 383.

³ Tado isso vem em D. Rodrigo da Cunha, Hist. ecc., part. II, cap. LXXXVII, n. 3.

⁴ Hist. ecc., part. II, cap. LXXXVIII, n. 5.

⁵ Hist. gen. — Provas — t. I, pag. 29, lin. 22.

⁶ Cunha, Hist. ecc., part. II, cap. LXXXVIII, n. 7.

Moreira de Mendonça.

⁷ Dil-o a Estatística, mais de uma vez citada por mim, fl. 65 v. É mss. da biblioteca nacional de Lisboa.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 592)

VIII

CONCLUSÃO

Correu um anno sobre estes episodios.

N'uma suave manhã de setembro, duas carruagens de verão sulcavam a estrada que conduzia á quinta de Setães, ao largo trote de magnificas parrelhas normandas.

Na da vanguarda, que era uma ligeira *charrette* de estofos claros, uma linda senhora de cabellos loiros, fallava e sorria, como noiva, a um rapaz elegantemente vestido á ingleza, de chapéu largo e monoculo, que guiava. Era Silvestre Pestana, recentemente casado com a brazileirinha do Palmeirão que na franca liberdade de aquelle amor, parecia mais bella e mais forte, affoguada pela lufada de norte, que a carreira da *charrette* affrontava.

A outra carruagem, um magnifico *break* inglez, ia mais populada: e, embora nas almofadas da frente, fosse um grupo de noivos semelhante ao da *charrette*, dentro, em amavel palestra, o nosso conhecido conego Pestana delectava D. Florencia, com a narrativa de um milagre praticado não sei porque frade asceta e visionario. Ao lado, resplendente de côres vernaes, uma forte rapariga aldeã, amamentava uma creança sob a olhar sollicita que, de quando em quando, lhe lançava a senhora que ia nas almofadas da frente. Esta senhora era Clarinha, a filha do José Elias, que deixára de ser sacristão e vivia abundantemente, ora em uma quinta proxima da cidade, ora na sua querida casinha de outrora, feitorisando os bens de seu genro. Estevam Pimenta, que era o rapaz que governava o *break*.

Este casamento da filha do sacristão, deu ensejo a que Rosalia, mais uma vez, evidenciasse os generosos movimentos da sua alma; e por isso, rapidamente o pormenorizaremos:

Depois que o nascimento de Estevam deixou de ser um mysterio de novella, o rapaz, meio aturdido, sem saber o que fazia, traçou uma longa carta a Rosalia, historiando-lhe as revelações assombrosas que lhe tinham evidenciado o estreito vinculo de sangue que, ao mesmo tempo, os ligava e separava. A rapariga ficou attonita e, quasi sem consciencia da sua acção, foi alvoroçadamente procurar D. Florencia:

— Titi, queria que me dissesse uma coisa.

— Que é? Mas, que tens tu, que estás tão affoguada?

— Não é nada, titi... Olhe, sabe se eu tenho algum irmão?

D. Florencia cravou n'ella, os olhos estupefactos: por um instante, recebeu que a loucura de sua mãe, tivesse emfim repetido uma manifestação hereditaria na sobrinha.

— Não me responde?... — tornou Rosalia. — Então é falso?... Mas é impossivel! Elle não está louco, esta carta não é de um louco!...

E, sem reflexão, exhibiu aos olhos assombrosos da tia, a carta de Estevam.

— Que é isto? Quem te entregou isto?

— Leia, leia!...

D. Florencia, dominada pela febre d'aquellas palavras, percorreu anciosamente as inesperadas revelações do rapaz. Quando terminou, repetiu a mesma pergunta:

— Mas quem te escreveu isto, quem foi?

— Foi elle... Então é certo ou não? Mas diga, titi; ialle, por Deus!

— Socega, menina. Eu não sei se é certo, nem se não.

— Mas...

— Espera, menina. Teu pae, antes de casar com tua mãe, teve casamento ajustado com a irmã de um seu socio, é verdade. E' verdade tambem que o tal socio se chamava Placido Pimenta e a irmã, Henriqueta. Agora, o que eu não sei, é que elle tivesse o filho que a carta diz. E teu pae, se o sabia, nunca m'o disse.

— E porque não casou, então, o papá com ella?

— Então, tu não vês o que diz aqui a carta? Foi porque ella morreu, quando teu pae estava doente em Portugal. Lá que houve grandes amo-

res entre elle e a tal D. Henriqueta, isso é pura verdade, porque muitas vezes, ouvi fallar d'isso. Agora, em quanto ao filho... Espera, estou a comprehender... Pois olha que talvez seja verdade!... Agora me lembro de que o tal Placido, apenas a irmã morreu, mandou logo dizer a teu pae que queria dissolver a sociedade, sem perda de tempo... Nunca mais foram amigos um do outro... Sim, decerto foi por causa do filho. Olha, está-me a parecer que o rapaz falla verdade. Mas não te afflijas, menina; ainda que seja, elle é bastardo, não tem direitos nenhuns á tua riqueza!...

— Que me importa isso, a mim! Antes tivesse. O que eu queria, era saber a verdade...

— Pois isso é facil. E' chamal-o cá! Mas, como te chegou essa carta ás mãos? Vocês já eram conhecidos? Elle até te trata por tu!...

— Depois lhe explicarei isso, titi! — volveu Rosalia, sem saber ainda de que maneira sanaria aquella imprudencia. — Vou mandal-o chamar, sim?

— Pois manda. Mas, olha, e que lhe não esqueçam esses papeis em que falla, esses documentos. Que não nos vá sahir algum embusteiro...

Rosalia já não ouviu as ultimas palavras da velha que ficára sobre uma poltrona, assombrada por tão imprevisito acontecimento. Traçou rapidamente algumas linhas, convidando Estevam para vir, n'essa mesma tarde, ao Palmeirão, e ficou esperando ansiosamente a hora marcada.

Andava febril, com umas tonturas de felicidade, como se as illusões de um bom sonho, povoassem o ambiente da sua vida. Aquelle successo que, ao mesmo tempo, conciliava os affectos que no seu coração encontrava para retribuir as homenagens de Estevam e de Silvestre, simplificava as suas perturbações moraes, da maneira mais harmonica e mais doce que nunca ella, nem mesmo dubiamente, imaginara. A duplicidade incoherente do seu amor, que até então tanto a attribulara, tornava-se, de repente, explicavel e licita. E n'este desannuiar-se da sua vida, o seu coração parecia despertar mais abundante de ternura, para os seus dois affectos já agora extremados.

Estevam, á hora propria, transpôz, pela primeira vez, o portai do Palmeirão; e facil lhe foi authenticar as suas revelações com os documentos legados pela velha Pimenta. D. Florencia, em breve espaço, estreitou-o ao peito chato, chamando-lhe sobrinho. (Por fidelidade historica, é necessario dizer que esta effusão da velha, só se realisou depois que Estevam lhe deu parte dos 300 contos herdados da familia materna).

(Continúa).



REVISTA POLITICA

Já era tempo de conversar um bocadinho com os nossos leitores, que vae em dois mezes lhes não damos noticias nossas, falta que, decerto, não seria para sentir, pela pessoa que escreve, mas que poderá ser notada se se attender ao proposito d'este periodico de publicar, de quando em quando, uma revista politica.

Outros assumptos, por ventura de maior interesse para o leitor, tem occupado as columnas do OCCIDENTE, mas no lapso de tempo decorrido desde a nossa ultima revista até o presente, que de pequenos e grandes casos tem occorrido no nosso meio politico, desde as lamas do Nyassa até o ultimo relatorio de fazenda, que se pairesse extraordinariamente com o seu antecessor e que, provavelmente, se reeditará no seu proximo successor.

Um mar de rozas, em que os negocios financeiros do thesouro publico vão, embora cada qual sinta os effectos exactamente do contrario.

E afinal talvez seja por isso mesmo que os negocios publicos vão bem, porque derresto sempre ha quem lucre com a desgraça, por maior que ella seja.



RELICARIO ONDE SE GUARDA A LINGUA DE SANTO ANTONIO NA BASILICA DE PADUA

E' assim que, no meio de todas as suas misérias, o paiz sempre teve uns tostões para se devirtir com as festas do centenario, e emquanto o contribuinte grita e berra que não pôde pagar mais e tem tudo empenhado, vae despejando as



FLORIANO PEIXOTO, EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRAZIL.

FALLECIDO EM 29 DE JUNHO DE 1895

algieiras nas tomblas do Terreiro do Paço e nos comboios de ida e volta validos por tres dias, para que todos possam vir gosar as festas e a companhia dos caminhos de ferro possa lucrar com os esquecimentos dos forasteiros, exactamente como os escravões da Boa Hora, que a estas horas estão arrecadando 1:540 réis por cada um dos dozentos e tantos presos que se deixaram arrastar na rede da noite de S. Pedro.

Uma brincadeira que lhes sahiu cara, especialmente aquelles que não brincaram com os taes balões e pagam como se brincassem.

Se não fóra isto todos teriam desfructado o espectáculo das festas de graça, se bem que a uns populares ouvimos, que quem pagava tudo era o povo.

— Deixa lá, dizia um velho trabalhador muito philosophicamente — Eu tenho pago sempre o mesmo, quer hajam festas quer não.

No que por fim os outros concordaram, achando bom o governo que nos trazia a todos em festas, sem pedir mais dinheiro por isso. De que concluimos, que um governo que dá fogos de vistas ao povo, luminarias, procissões e arraiaes permanentes, pôde muito bem ser um governo eterno, n'este paiz.

E d'este modo escusa o sr. José Luciano fazer protestos sobre protestos, abster-se em toda a linha e apellar até para a revolta, que perde o seu tempo e a sua rhetorica, porque não conseguirá mover uma palha, nem indireitar o Tempo a que concorde na abstenção elei oral, que pelos modos já deu mais cuidados ao governo do que está dando, depois das declarações do sr. José Dias Ferreira.

Sempre é bom haver uma opposição, ainda que ella seja como a d'aquelles palhaços que brigam no Colyseu dos Recreios e fazem rir o publico a bom rir.

O meu pequeno já me tinha fallado d'aquella lucta dos palhaços, e quando outro dia fomos com elle ao Colyseu, logo se alegrou quando viu entrar os palhaços na arena e cada um d'elles calçar umas manopolas cheias de vento ou de estôpa para jogar a taponas.

— O papá vae ver uma coisa muito engraçada, disse-me, e todo elle ria.

Os palhaços pozeram-se em posição, alçando os braços e mostrando um ao outro as enormes manopolas.

A lucta principiou com vigor e era taponas que fervia de parte a parte. O publico batia as palmas e aclamava os contendores.

Tudo ia ficar desfeito, os queixos partidos, as caras inchadas, as ventas esmorradas, até já haviam vozes de basta, basta.

Por fim a lucta foi abrandando, os contendores pareciam cançados, derreados, principiam a espaçar as taponas, já dadas por demais, n'um estado quasi insensivel, sem força, sem enthusiasmo, pendendo-lhe os braços com o pezo das manopolas, e assim foi terminando a lucta, quando o publico reparou que elles, nem tinham os queixos partidos, nem as ventas esmorradas, nem a cara inchada, e iam muito lepidos para dentro, emquanto o povo ficava a rir, a rir...

João Verdades.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Ha um resto do almanach de 1895 que se vende.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», Lisboa, Largo do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches
Rua Nova do Loureiro, 25 a 37